

DO INTERIOR BAIANO À SELVA DE PEDRA PAULISTANA: DESAFIOS FRENTE A MIGRAÇÃO NORDESTINA EM SÃO PAULO

FROM THE INTERIOR OF BAHIA TO THE SÃO PAULO STONE JUNGLE: CHALLENGES FACING NORTHEASTERN MIGRATION IN SÃO PAULO

Victor Hugo de Almeida França¹

RESUMO

A discussão fomentada no presente texto visa explorar diferentes circunstâncias que dizem respeito ao processo migratório dos retirantes nordestinos para o sudeste brasileiro, em especial para a região metropolitana de São Paulo no século XX. Os sujeitos da migração passaram por diversas dificuldades e adversidades em contextos urbanos. Deste modo, a metodologia de História Oral foi utilizada para a produção das fontes que estruturam a discussão teórica acerca do cotidiano desses indivíduos submetidos a tal processo. A fonte de História Oral fora produzida remotamente por reunião em plataforma digital, tendo em vista as dificuldades impostas pela pandemia de Covid-19 que tomou o país em 2020. Aqui, busca-se também analisar a importância da metodologia para o resgate e pronunciamento das vozes subalternizadas, tendo em vista que a historicidade das identidades individuais e coletivas.

PALAVRAS-CHAVE: Retirantes nordestinos; História oral; Metrópole paulistana; Processos migratórios.

ABSTRACT

The discussion fostered in this text aims to explore different circumstances that concern the migration process of the northeastern retreatants to the southeast of Brazil, especially to the metropolitan region of São Paulo in the twentieth century. The migration subjects went through various difficulties and adversities in the urban contexts. To this discussion, the Oral History methodology is used for the production of the source that structures the theoretical discussion about the daily life of these individuals submitted to such process. The Oral History source had been produced remotely by meeting on a digital platform, in view of the difficulties imposed by the Covid-19 pandemic that took over the country in 2020. By the way, it also seeks to analyze the importance of the methodology for the rescue and pronouncement of subaltern voices, as well as the preservation of individual and collective identities.

KEYWORDS: Northeastern retreatants; Oral history; São Paulo metropolis; Migratory processes.

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campus de Três Lagoas.

E-mail: vhugo012@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as construções sociais, econômicas, históricas, culturais e políticas responsáveis pela migração nordestina a São Paulo e como tais aspectos interferem no cotidiano das mulheres e dos homens retirantes. Por isso, a metodologia da história oral é utilizada para a produção de fontes orais, de modo a analisar histórias de vida e temáticas de indivíduos que viveram o difícil processo de retirada do interior baiano para a grande metrópole paulistana nas décadas de 1970 e 1980.

A análise da vida, a partir da história oral é de fundamental importância para se compreender não somente uma História oficializada presente nos documentos tidos como oficiais. Nesse sentido, a metodologia e toda a área que faz parte da história oral permite a composição de narrativas de sujeitos que foram silenciados pelo fatos histórico-culturais e que tentaram subalternizar as identidades não oficiais uem tentem exaltação da do homem branco, de classe média e, no contexto em questão, com a intenção de imputar a superioridade do Sulista, em contrapartida aos nortistas.

O trabalho em questão tem por objetivo salientar as identidades nordestinas e expor como se deu o processo de migração destes para o estado de São Paulo. Em um momento inicial, foram realizadas três entrevistas. A análise está dividida em cinco tópicos que problematizam a importância da História Oral para a apreensão desses fatos e como se deu os acontecimentos de vida das entrevistadas em questão: Dona Leda e Patrícia, mãe e filha, que participaram de todo o processo migratório dos habitantes do Nordeste brasileiro – As duas narradoras residem atualmente na cidade de Barueri, localizada na zona Oeste da Grande São Paulo. Vale ainda ressaltar o complexo processo de produção, reprodução, construção e desconstrução de identidades e dos conceitos que evoluem o ser e o pertencer a uma região e como se dá o processo dentro da perspectiva analisada.

2. HISTÓRIA ORAL, CULTURA E IDENTIDADE

As construções da historiografia brasileira ao longo do século XX foram importantes para que a produção da análise dos acontecimentos humanos fosse amplamente abordada pelos historiadores brasileiros. A exemplo, está o livro “Historiografia Brasileira em Perspectiva” (FREITAS, 2007), que apresenta um panorama de como a produção científica da historiografia no Brasil se alterara conforme a História se estabelece e se consolida em território nacional. Assim, uma historiografia amplamente ligada à construção de identidades nacionais e dominantes,

que transformam em objeto o estudo histórico, passa a ceder lugar a uma repensada perspectiva do sujeito “visto de baixo”². “Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do obsoleto tear manual, o artesão utópico (...). Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência” (THOMPSON: 1987, P.13). “Como se pode notar, Thompson se dispôs a pensar a história dos que não foram lembrados no processo de industrialização pelas ortodoxias tradicionais, uma história das pessoas comuns enfim uma história “vista de baixo” ou “dos de baixo” ou “History from Bellow.”³

A partir de tal abordagem que a História Oral entendida como uma área da produção do conhecimento científico histórico passa a ganhar força, em vista que tal perspectiva proporciona ao surgimento de novas fontes. Todavia, assim como salienta Ferreira (2002), a História Oral como técnica de produção de fontes de registros para a análise historiográfica é questionada e negativada, em vista do caráter pragmático de que a história válida a ser pesquisada é somente a história de um tempo longínquo e não um passado recente que ainda pode sofrer alterações, uma vez que se trabalha com as “fontes vivas”. A autora aponta sobre a metodologia da História Oral como uma alternativa a subversão e deslocamento das estruturas dominantes para as redes culturais e políticas e histórias de vida.

A expansão da técnica de uso do gravador de áudio e vídeo, é propiciadora de um novo método, como modo de se obter fontes para a reconstrução do passado dos oprimidos, implica todo um debate teórico e metodológico de produção de conhecimento científico, visto que além de se tornar uma alternativa ao documento escrito, a fonte oral se torna um elemento de contrabalanço.

A possibilidade da História Oral reconstruir as vivências pessoais por meio dos acontecimentos de vida ou histórias temáticas, até mesmo da tradição oral, está muito atrelada a ideia de que essa área se configura como uma forma de se produzir conhecimento científico através da reconstrução dos processos históricos por meio da memória e das representações do passado vivido desses sujeitos, sem necessariamente praticar um ato paternalista.

Assim, como traz Ramos Júnior (2019), a prática da oralidade pode ser tomada por uma “cegueira epistêmica” caso não seja problematizada e, perceber certa cegueira quanto aos relatos colhidos pela história oral, em face da compreensão como apenas representações para a produção

² “E. P. Thompson no livro “A Formação da Classe Operária Inglesa” (Livro: A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade, v. 1, 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.)

³ E.P. THOMPSON E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA SOCIAL E OS ESTUDOS SOBRE ESCRAVIDÃO. Acesso: http://anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2014%20-%20Eleonora%20F%C3%A9lix%20da%20Silva%20TC.PDF

do conhecimento científico, é compreender que os sujeitos, além de objeto de pesquisa, também são agentes ativos da produção do conhecimento histórico. Ramos Júnior diz respeito dessa tomada de consciência da cegueira epistêmica:

Dei-me conta de que era necessário tratar os narradores e suas narrativas de outro modo, a saber, como sujeitos que produzem sua história – não só sua história, mas sua *História*. Com ela, eles lutam pelo controle de sua vida e de sua História, a qual é verbalizada pela oralidade e pela escrita, e que tem regras e formas próprias de produção e manutenção. (RAMOS JÚNIOR, 2019, p.364)

A produção de identidade cultural está amplamente ligada aos lugares e aos modos como os indivíduos se relacionam com o tempo e com a sociedade. Por conseguinte, Oliveira (2011) ressalta que interrogar o contexto sócio-histórico e as divisões binárias em que os corpos estão inseridos nos auxilia a compreender como se dão os processos de construção e transformação das culturas e dos espaços.

As migrações nordestinas e as formas com que se constrói a figura do sertanejo retirante, fundada em ideais do caipira atrasado e pouco instruído, muito se relacionam com o binarismo do ser e do não pertencer, do Norte e do Sul, do branco e do mestiço, os quais definem parte da sustentação da identidade nacional. Tais binarismos são amplamente responsáveis por interferir nas produções de identidade sertanejas e, assim como ressalta Thompson em “Costumes em Comum” (1998), a cultura dita como popular é passível de transformações e interferências externas, bem como, necessariamente, depende de um contexto histórico para que tais costumes se expressem na sociedade, de modo que muitas vezes as práticas culturais evidenciam formas de resistência face às classes dominantes e ao conflito de mentalidades, mesmo que a cultura de subversão interfira nas produções identitárias.

Para Oliveira (2011), a produção de identidade no Norte do país e a figura do sertanejo nordestino, diz respeito não somente aos nortistas, mas também a grande invenção por parte da porção Sul do país acerca de quem são esses indivíduos. Constrói-se uma figura de que o sertanejo é pouco instruído e de que o local de onde ele vem é marcado de total sofrimento. Portanto, assim como a literatura pode resgatar as verdadeiras construções desta identidade, como no artigo de Oliveira, que analisa a figura do retirante na obra de Patativa do Assaré, as entrevistas de História Oral podem desconstruir os arquétipos acerca da identidade do retirante, visto que é possível uma reconstrução do passado, por meio de vivências particulares, a identidade de todo um povo reprimido historicamente, que dentro da metrópole paulistana configura uma cultura de classe a partir das vivências e do trânsito de uma vida no sertão para uma existência movida pelo ideal da “oportunidade”.

Quanto ao referencial cultural, Thompson em “A Formação da Classe Operária Inglesa” (1987) salienta que a noção de classe é intrínseca a uma noção histórica, de modo a entendermos como algo fluido e que nos escapa da tentativa de imobilização. Assim, a superestrutura cultural faz com que as expressões de noções de coletividade utilizem de termos substitutivos como o de consciência de classe. Destarte, todo o processo estrutural de migração na busca por oportunidades empregatícias e de melhores condições de vida do que aquela que levavam no sertão, é responsável por caracterizar a cultura do retirante nordestino e as formas com que esta lida com o meio em que está inserido e articulado.

3. ANTES DA MIGRAÇÃO: A VIDA NO INTERIOR DA BAHIA

Os ideais construídos acerca da identidade do retirante nordestino vão muito além da somente a ideia do pobre trabalhador que migra para o Sul em busca de melhores oportunidades. Antes da diáspora que o povo sertanejo é obrigado ou seduzido a enfrentar, a vida no Nordeste se configurou majoritariamente como agrária. Assim, a vida no sertão, apesar do clima seco, conforme os relatos, era caracterizada pelo cultivo de insumos para o autoconsumo ou para troca em feiras livres. Por sua vez, o trabalho na capital paulista se torna cada vez mais se tornava um atrativo para pessoas oriundas de outras regiões do país, que chegavam em São Paulo para trabalhar principalmente em empreendimentos na construção civil.

A vida no campo – e como a terra se estabelece como a provedora da subsistência das famílias na Bahia – foi um dos aspectos apontados por Dona Leda e Patrícia em sua entrevista. Ao serem questionadas de onde vieram e como era a vida na terra natal, as entrevistadas explicaram a importância do cultivo de mandioca para produção da farinha, o plantio do feijão, da mamona, entre insumos que serviam para o alimento da família ou para a troca por produtos com outros sítiantes. Aqui, vale ressaltar as considerações feitas por Borges no capítulo “O desejo do roçado e o sonho de liberdade” (2004), visto que, por meio das entrevistas de História Oral, a terra para o camponês adquire sentido maior do que somente um objeto de produção, assume também um sentido poético. Mesmo que as entrevistadas tenham apontado a vida como dificultosa por conta da seca, a terra representa o controle do tempo de trabalho e da liberdade dos corpos de ser e de produzir.

O processo histórico do denominado “Ciclo do Café” – que se iniciou no século XIX durante o Brasil Império e se consolidou na República, especialmente na República Velha – tem como principal consequência o deslocamento do eixo econômico do Brasil, em específico, das

Minas Gerais e do Nordeste para a província cafeeira de São Paulo. O presente fenômeno, mesmo que não anulasse as outras atividades produtivas nacionais, exerceu grande força econômica em todo o país. Por conseguinte, assim como aponta Ribeiro (2011), o café paulista é o agente responsável por fazer de São Paulo (consequentemente de sua metrópole) o centro econômico brasileiro, além de ser o elemento propiciador do salto industrial que o estado tivera após a década de 1930.

Todavia, o eixo econômico centralizado em São Paulo evidencia uma dominação de mercado, o capital pelo capital. Enquanto regiões como a metrópole paulistana e a metropolitana carioca (por ser a capital) se beneficiam desse excedente econômico, regiões pouco habitadas ou sem potencial produtivo” de gerar grandes lavouras naquele momento histórico, a exemplo do sertão nordestino, pouco ou nada progrediram em relação ao Sul em vista da circulação do capital interno, que fica retido nos grandes centros. A respeito desse fenômeno de centralização Oliveira (1993) nos dá um parâmetro acerca da construção histórica da “locomotiva do Brasil”. Em suas palavras:

Para tanto, seria preciso ter resolvidas as questões agrária e do mercado de trabalho, as quais são precisamente duas travas do processo de acumulação, ou melhor dizendo, da possibilidade do processo de centralização do capital, que é do que se trata ao falar-se de circulação de capitais. Não há transferência de capitais entre as diversas regiões do país, uma das formas concretas que a centralização adquire quando a unidade nacional se nacionaliza para o capital, pelas vias do capital. (OLIVEIRA, 1993, p.05)

A partir do estabelecimento do eixo econômico em São Paulo que o ideal de “terra da oportunidade” se desenvolve concomitantemente a centralização do capital. Com base em tal afirmativa que a capital paulistana e outras regiões seduzem, em alguns casos, os nortistas apresentando um sonho de se alcançar melhores oportunidades de vida. Entretanto, não somente a sedução do eixo econômico brasileiro é propiciadora de tal movimento visto que, assim como as entrevistadas ressaltaram, a vida era muito difícil por conta da seca e da concentração de terra. Portanto, o processo de migração para São Paulo é entendido desde cedo pelas crianças, de modo que as relações sociais dentro dos laços familiares, sempre se alteram conforme se dá a migração sazonal (SILVA, 2001).

Novamente, as identidades do ser e do não pertencer a uma determinada região permeiam os estudos migratórios a partir da História Oral. O sentimento de necessidade se sobrepunha aos sentimentos de sentir e permanecer na terra natal. É de tal necessidade que as entrevistadas contam os motivos pelos quais vieram para a Grande São Paulo: em vista das oportunidades de emprego na selva de pedra em construção, a oferta empregatícia é o principal atrativo para a

viagem até São Paulo e esse é o caso do já falecido esposo de Dona Leda, Senhor Orlando. Ela conta como o conheceu e como ela o acompanhava sempre ia a São Paulo para trabalhar como mestre de obras e ela sempre ia para a região também. A filha Patrícia brinca ao falar que sua mãe sempre ia e voltava para a Bahia e, em suas palavras, “sempre tem uma criança na história”⁴ em decorrência dos sete filhos dela nascerem um em cada estado. Assim, a cultura do migrante do Leste é marcada pela arquitetura das identidades nacionais, em que, segundo Oliveira:

É interessante destacar, que as elaborações dominantes inscritas no transcorrer da construção da identidade nacional, ganham significados subjetivos no intuito de estabelecer a formação de um imaginário regional que versa com os interesses estratégicos do projeto político econômico capitalista. Mas que também, paralelo a isso, está ligado ao aspecto de uma nova cultura instaurada no projeto nacionalista, que permeia um modelo ideário cultural sustentado na supremacia dos grandes centros industriais urbanos, tendo como maior representação deste desenvolvimento o estado de São Paulo. (OLIVEIRA, 2011, p. 218)

Destarte, a vida do retirante nordestino não é resumida somente pelo processo pós migratório. A memória e as vivências da terra natal são objeto de lembrança das (os) entrevistados. Assim, não se pode ignorar as (sobre) vivências e a vida que os entrevistados tiveram anterior ao processo de migração, em vista da importância que a terra natal e a produtora de alimentos adquirem na vida dos entrevistados frente a todo o processo de deslocamento e choque com a grande cidade em pleno desenvolvimento.

4. IDAS E VINDAS: O CONTÍNUO ENTRAVE ENTRE A OPORTUNIDADE DA METRÓPOLE E A TERRA NATAL

As construções sociais que geriram a ideia da “locomotiva do Brasil”, expressadas nas considerações de Oliveira (2011), são o fundamento para a constituição de uma cultura de classe, em dois caminhos/duas vias, na grande metrópole em desenvolvimento: o migrante nordestino se vê diante a um entrave de não pertencer ao lugar, mas necessitar da oportunidade que foi “concedida”; e da saudade da terra natal, que está relacionado com a base de suas vidas, visto que (sobre) vivem da terra. Assim, antes de se deslocarem para São Paulo, era necessário que se desvinculassem materialmente de seus bens. As entrevistadas contam que, ao deixar o sítio em que viviam em Macajuba-BA, tiveram de vender tudo e só levaram o essencial para começar a nova vida em São Paulo.

⁴ ENTREVISTA Dona Leda; Patrícia, Barueri, 19/05/2020.

Acerca do trajeto, Patrícia nos conta um pouco sobre a vinda dificultosa para o Sul, em decorrência do pouco dinheiro para a sua passagem e dos filhos, que sua mãe carregou na viagem definitiva para Barueri-SP, onde residem até hoje. Em suas palavras:

A história é longa, ia voltava, ia voltava, ficava um ano aqui e outro lá, a vovó engravidava de um filho aqui ganhava lá, engravidava de um filho lá ganhava aqui. Vinha com duas passagens, com um monte de filho no ônibus. Os filhos vinham em cima do motor quente do ônibus, outros deitados no bagageiro. É uma história bem longa, mas é verdade, as malas eram sacos amarrados costurados na boca, trazia farofa e frango frito pra comer no caminho e assim vai, tomava banho lá pra sair e só tomar quando chegava e assim ia pelos caminhos.⁵

A entrevistada lembra com muito carinho do trajeto que faziam para sair do interior da Bahia e chegar à capital paulista. Mesmo que Patrícia reconheça os tempos lembrados por sua memória como difíceis, ela sente saudade de toda a vida que passou, evidenciando que a História Oral é um meio de se reconstruir lembranças de parte dos entrevistados, não somente do ponto de vista do contexto histórico-social, mas como forma de afirmar as identidades individuais e coletivas pertencentes aos indivíduos.

O choque de identidades e de localidades também é percebido nos relatos das entrevistadas que, ao chegarem à rodoviária em São Paulo, se depararam com um mundo totalmente diferente do que estavam acostumadas no Norte. Assim, “na terra, há o sentimento de pertencimento, de identificação. Longe dela, os sentimentos são contrários. O estranhamento e o desenraizamento invadem a alma, gerando a saudade da terra” (SILVA, 2001, p.111). Portanto, o sentimento de pertencimento gera o de estranheza em quem migra de um local a outro.

5. A VIVÊNCIA NA METRÓPOLE PAULISTANA

O choque da chegada a São Paulo é marcado também por preconceitos de ordem linguística, de formação educacional e regional. Ao ser questionada sobre o preconceito em São Paulo, Patrícia revela que o preconceito linguístico e a xenofobia foram constantes na chegada da Bahia, não somente por parte de estranhos, como também por parte da própria família que já morava fazia muito tempo em Osasco-SP. As vias de preconceito que se estabeleceram e se enraizaram na fragmentação do eixo Norte-Sul são evidenciadas por Lordelo e Barros (2005), ao observarem que:

⁵ ENTREVISTA Patrícia A. A. Caboclo, Barueri-SP, 09/04/2020.

No Brasil, ao lado de minorias étnicas, religiosas e de preferência sexual, destaca-se o grupo dos nordestinos como alvo de preconceito, principalmente nas regiões Sul e sudeste do país. Os encontros de subculturas diferentes e as inserções no mercado de trabalho em condições desiguais, proporcionados pelos grandes movimentos migratórios, produziram sua história de preconceito que vem, nas últimas décadas, transformando-se em mal-estar e, algumas vezes, em conflito aberto. (LORDELO; BARROS, 2005, p. 02)

A entrevista de História Oral, bem como a análise desta requer certa aptidão do historiador, visto que a produção do conhecimento transdisciplinar é uma forma de descolonizar os modos de historicidade e extinguir as abordagens eurocêntricas por meio da História Oral. Assim, reconhecer os sentimentos e quaisquer considerações feitas pelos entrevistados é parte das habilidades inerentes ao historiador oral em sua pesquisa. Portanto, entender como as pessoas vivem, constroem as suas identidades e como elas se relacionam com o meio em que estão inseridas é de suma importância para reconhecer o contexto geral no caso do processo de migração dos trabalhadores do Nordeste do país para o Sul.

Diferente do padrão de continuidade do plantio de insumos de autoconsumo e de trocas observados na edificação de novas cidades no interior paulista (SILVA, 2003), na região de São Paulo, os trabalhos destinados ao migrante eram quase sempre os de construção civil ou trabalhos exclusivamente urbanos, como o caso do esposo de Dona Leda. Todavia, ao serem questionadas em que trabalhavam e do que viviam, ambas se lembram da roça que produziam quando chegaram em Barueri, mostrando-nos que o movimento de continuidade do interior paulista também se configurou na capital.

As dificuldades de estar inserido em um mundo altamente capitalizado e que explora a mão-de-obra dos trabalhadores é outro desafio que configura a pobreza laboriosa. Segundo Nadir Mendonça (1991) em sua tese de doutorado, a sociedade que se construiu em Três Lagoas, e outras em amplo desenvolvimento, foi de contrastes entre os ordenadores e aqueles “fadados a pobreza”. Tal diferença se observa por meio do trabalho, já que a condição das camadas subalternas era de sobrevivência: os trabalhadores eram inseridos em um contexto estrutural e funcional desigual, a dualidade entre os proprietários e os sem-terra. Portanto, as considerações feitas pelas entrevistadas acerca da pobreza e das dificuldades encontradas para se estabelecer em São Paulo e de estudar, em decorrência da falta de recursos são objetos que fazem da História Oral uma prática que conta a outra face de uma história não oficializada.

Ao indagarmos o que a família representa para as entrevistadas, ambas expressaram como as dificuldades são enfrentadas frente a todo esse processo. Para Dona Leda, o sentimento de carregar consigo seus filhos nessa jornada foi muito difícil, pois, para ela, “a família representa

tudo”. Ao ser questionada, Patrícia ressalta que a família representa toda sua jornada: lembra do papel de “pai” que seu irmão mais velho exerceu em grande parte de suas vidas e ressalta a importância de suas irmãs para ela. Aqui, vale destacar os papéis da família não somente das entrevistadas, mas para todos os migrantes que se submetem a tal processo. A família também se configura como um elemento da felicidade das entrevistadas que, ao serem questionadas se tudo valeu a pena, respondem que pela família tudo vale, a família é o elemento fundante dos indivíduos que migram para o Sul em busca de oportunidades.

Segundo Silva (2001), caso a mulher também migre, a ruptura com a terra se torna efetiva e a relação de complementariedade para com ela. Em face de todo o processo que passaram ao chegar a São Paulo, a terra natal ainda se configura como as origens de toda a vida e identidade das entrevistadas, mesmo que não se vejam regressando ao local de partida.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, compreender as construções históricas que fizeram com que grande contingente de pessoas migrasse dentro do vasto território nacional é importante para poder entender como se constroem as identidades individuais e coletivas dos indivíduos que vieram para o Sul e Sudeste do país em busca da tão sonhada oportunidade de emprego.

Para tanto, o resgate das memórias de quem viveu esse fenômeno histórico é somente possível pelo desenvolvimento da historiografia brasileira, que possibilitou a introdução da História Oral como uma área de produção e análise de fontes orais. Ao longo das décadas as entrevistas de História Oral vão adquirindo status de confiabilidade histórica e, portanto, as histórias de vida dos povos subalternizados podem ser ouvidas e o processo de construção de identidades compreendido.

Assim, na construção das representações do passado, a metodologia História Oral atua como uma importante ferramenta a fim de se entender como os indivíduos se relacionam com a terra natal, como se dá a vida camponesa no interior nordestino e como as objetivações e motivações que fazem com que o Nortista migrem para o Sul em busca da oportunidade de emprego e de uma vida melhor, entre outras questões. Para além disso, a metodologia também auxilia, por meio da rememoração de memórias pessoais, a compreender as dificuldades encontradas no deslocamento e na adaptação ao novo local, lembranças essas marcadas por sentimentos diversos das (os) entrevistadas (os).

REFERÊNCIAS

BORGES, Maria Celma. **De pobres da terra ao Movimento Sem Terra: práticas e representações camponesas no Pontal do Paranapanema-SP.** Tese (Doutorado em História), Unesp, Assis, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e História Oral.** In: Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 200, pp. 314-332.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2007.

LORDELO, Eulina da Rocha; BARROS, Mari Nilza Ferrari de. **Identidade social de paulistas e nordestinos - comparações intra e intergrupais.** In: Mental v.3 n.5 Barbacena nov. 2005.

MENDONÇA, Nadir Domingues. **A (Des) Construção das (Des) Ordens – Poder e Violência em Três Lagoas, 1915-1945.** Tese (Doutorado em História), USP, São Paulo, 1991.

OLIVEIRA, Francisco de. **A questão regional: a hegemonia inacabada.** In: Estud. Av. vol.7 no.18 São Paulo May/Aug. 1993.

OLIVEIRA, Vanderly Vitoriano de. **Triste Partida: A subjetividade do retirante nordestino.** In: **Revista Fórum Identidades – UFS. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 5, Volume 9 | jan-jun de 2011.**

RAMOS JÚNIOR, Dornival Venâncio. **Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral.** In: História Oral, v.22, n.01, 2019. p. 359-372.

RIBEIRO, Fernando. **A Política Econômica e o Convênio de Taubaté na Economia Cafeeira (1889-1906).** **PESQUISA & DEBATE**, SP, volume 22, número 1 (39) pp. 75-93, 2011.

SILVA, Célia Regina Reis da. **Lembranças (re)vividas, tradições (re)inventadas – Experiências de migrantes “nortistas” na Alta Noroeste Paulista (1930-1950).** Dissertação (Mestrado em História), PUC- São Paulo, 2003.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A terra no imaginário dos migrantes temporários.** In: **História Oral**, 4, 2001, p. 103-120. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP/Araraquara.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Data de submissão: 01/04/2021

Data de aprovação: 06/06/2021